

Marcelo Mirisola

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Creio que o escritor não conjuga ou premedita necessariamente esses dois tempos. Eu, por exemplo, prefiro atirar no escuro (embora não seja 100% inocente). Talvez por acidente ou coincidência, alguns escritores consigam acertar o alvo. Isso se ele, o escritor, não resolver misturar deliberadamente uma coisa com a outra: aí nesse caso, o que, em princípio, era quase uma “especulação” vira ferramenta de trabalho.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Busco interferir provocando burburinho, confusão mesmo... mas acho que minha tática (em termos extraliterários) já foi mais eficiente. Num primeiro momento, funcionou. Acreditei que misturar autor e narrador poderia ser um antídoto ou uma espécie de espelho envenenado contra a espetacularização em si. E foi! Por alguns anos serviu para fazer (ao menos) um contraponto. Confesso: me diverti um bocado. O problema é que autores que não exigiam esforço algum de compreensão (a palavra exata é: “simplórios”) apareceram aos borbotões nos últimos anos, e aí o espetáculo os engoliu e os processou facilmente. Autores que jamais ofereceram resistência. Infelizmente não tenho outra denominação senão chamá-los de gado. Para eles não há confronto, apenas celebração. Num dia festejam o muro que divide Israel da Palestina, no outro dia, estão trocando figurinhas no Itaú Cultural ou confraternizando com dom João de Orleans e Bragança em Paraty. Vide Marcelino Freire, Ferréz, Daniel Galera, Joca Terron, Santiago Nazarian, João Paulo Cuenca, Antônio Prata, Cadão Volpato e tantos, tantos outros.

O resultado? Bem, fui solenemente descartado do “circuito”. Imagino que devo representar alguma espécie de ameaça ao convívio de tão ilustres, sociais e educados colegas. Hoje – é evidente – sou carta fora do baralho de festas literárias, prêmios, bolsas, viagens patrocinadas pelo Estado (via lei Rouanet) e convectos do gênero. Incluem-se nesse pacote as colunas sociais (resenhas chapa-branca) nos grandes jornais e revistas de grande circulação onde os simplórios idem ibidem circulam e se frequentam; felizes, contemplados e saltitantes.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Sou da linhagem de Oswald de Andrade, Carlinhos Oliveira, Nelson Rodrigues e Márcia Denser – todos eles foram vistos pelo retrovisor disso que você chama tradição literária brasileira, comigo não será diferente.

Como você pensa a forma literária?

Leia meu *Bangalô* que – aliás – foi negligenciado pelos críticos à época, e você vai entender o que penso a respeito.

Marcelo Rizzo Mirisola (1966) é autor de *Fátima fez os pés para mostrar na choperia* (Estação Liberdade, 1998), *O herói devolvido* (Editora 34, 2000), *O azul do filho morto* (Editora 34, 2002), *Bangalô* (Editora 34, 2003), *O banquete* (com Caco Galhardo, Barracuda, 2003), *Joana a contragosto* (Record, 2006), *O homem da quitinete de marfim* (Record, 2007), *Proibidão* (Demônio Negro, 2008), *Animais em extinção* (Record, 2008) e *Memórias da sauna finlandesa* (Editora 34, 2009).